

Abertura: o coração distante

Quatro movimentos acompanhados da solidão

Chaim Samuel Katz

Um chamado de emergência e a cortina se levanta sobre uma tragédia burguesa. Mas ela não está onde a família julgava...

Um relato que mostra as limitações do saber psicanalítico convencional.

"O fato de ser é o que há de mais privado; a existência é a única coisa que não posso comunicar; posso contá-la, mas não posso partilhar a minha existência. Portanto, a solidão aparece aqui como o isolamento que marca o evento do próprio ser". E. Levinas, Ética e Infinito.

Um telefonema pede ao psicanalista que vá à casa de um homem que ele não conhece. Trinta anos, bem apessoado, está "na cama" há quase dois dias. Na sexta-feira, na hora do almoço, estranhou a demora de seu pai, trancado no banheiro do escritório da firma. Porta fechada, depois do bate esbate solitário, chama um empregado que experimenta abri-la. Porta sólida, não cede aos chamados do funcionário. Alberto, forte e autorizado pela propriedade, joga-se contra ela, esperando o ines-

perado. Cai a porta com suas dobradiças e ele é lançado contra o que é ou deveria ser seu pai. Pendurado no pequeno chuveiro, luxo de escritório de quem sempre soube se propiciar algum e muito excesso, o senhor. Bem vestido, lenço no bolso, gravata cinza marca de refinamento e bons tratos, paletó abotoadíssimo, sapatos lustrados e meias discretas, assim comparecia ao seu

Chaim Samuel Katz é psicanalista, membro da Formação Freudiana e escritor.

local de trabalho e agora ao encontro de sua morte. O que destoava, clamando por um tempo que não se media em expectativas, era seu corpo pendurado. Parado ali, como à espera do “por favor, entre”, que sua postura e vestes anunciavam, estava realmente num lugar errado. O chuveiro estava inteiro, sem considerar seus oitenta e tantos quilos, os olhos abertos olhavam a entrada do filho ou tentavam enxergá-lo. Maurício o aguardava, como poucas vezes o fizera em vida; e Alberto levantou outra vez mais a cabeça, para conseguir ver o pai.

1

Alberto teve sempre o que se pode chamar de vida insatisfeita. Artista, votado aos estéticos prazeres, nada disto se aceitou em sua família, desde logo. Eram-lhe destinados outros frutos e usos, mais utilitários e mensuráveis. Pequeno ainda, nomeado homem substituto da casa, aprendeu lentamente que o mundo que lhe cabia era o de ser o segundo do pai. Pai que pouco falava, mas exalava prazeres, que seus familiares não tinham a coragem de expressar abertamente, felicidades distantes certamente daquela família que só se encontrava nalguns sábados e outros tantos domingos. Nunca se encontrando com este pai, não se aceitando enquanto família com seus outros, o lugar de Alberto lhe era doloroso: tinha que aceitar o que lhe ofereciam e não sabia o que fazer com a oferta. Dilacerado sempre, não se artistou, tornou-se artesão insatisfeito e demasiado limitado, produzia sem querer chamar a atenção dos outros e em quantidades econômicas, forma de compromisso entre o que suas vontades e desvontades apelavam e as obrigações que a família introjetada exigia.

Escrevendo sobre Mozart, Norbert Elias mostrou como este não queria ser artesão, músico que repetisse os padrões culturais e semiológi-

cos da Corte, e procurou afirmar seu ser artístico, esteticamente. Mozart ficou dilacerado entre a adaptação do artesão e a resposta estética do artista. Alberto fez-se artesão, na sua solidão, que não conseguiu conquistar inteiramente; mas procurava sempre positivar-se esteticamente, ser artista, longe dos chamados dos outros. Sempre fracassou, sua pouca

O lugar de Alberto era doloroso: tinha de aceitar o que lhe ofereciam, e não sabia o que fazer com a oferta.

ousadia tornou-o morno, o que a vida não perdoa muitas vezes.

No seu quarto o psicanalista encontrou traços de tal cisão: seus objetos, bem elaborados, sozinhos em torno de recortes de coisa alguma, onde nenhum outro esteta caberia. Paredes sozinhas, albertamente esvaidas, desmerecedoras do acompanhar-se de alguma obra estética estranha ao autor, que se afirmavam timidamente, postas como que só para receber a solidão do quase-artista, que ali as encarava repetidamente. O vazio que ele encarava era o próprio Alberto, buscando as sombras do que nunca fôra. Ilusão dilacerada, constitutiva de muitos sujeitos modernos e adjacentes.

Bacharelou-se e, com isto, tornou-se doutor. No Brasil quem se forma academicamente e é de família branca e reconhecida, recebe direitos, doutora-se. Funciona muitíssimo bem, aquilo que em Alberto era uma enorme fenda. O título doutor o tirava das poucas esperanças de uma autarcia, pois teria que responder aos chamados familiares, que o ameaçavam permanentemente. Sabia-o desde criança, ao desencontrar-se permanentemente com os colegas da escola, como se estes repetissem a família. De expectantes brincadeiras, tal época o marcara duramente, na medida em que não se colocou de modo suave e passivo, mas procurou afirmar seu ser artista. Pinturas e esculturas, objetos e composições, tais coisas eram estranhezas para os colegas. Jamais encontrou um professor que o ajudasse a valorizar o mundo sensível, posto que os pais já lhe escolhiam colégios e mestres onde estudos e jogos se distinguem, radicalmente. Os brinquedos e jogares instituídos não souberam apelá-lo, os estudos ele os fazia de modo bem feito, sem nunca chamar demasiada atenção. Assim, o que era um meio para sobreviver no mundo cultural, fez-se solidão em Alberto para viver intensamente. Mediocre, mas forte.

Esta solidão, inicialmente, fora um modo de vencer o medo ao pai e o de nunca ter encontrado algum suporte nos demais familiares. O pai importante para ele, este homem de muitos atos e intenso desinteresse familiar, que descombinavam, no lar, de suas atividades públicas bem sucedidas. Alberto silenciou e em sua solidão se fez humano.

Só se encontrava sozinho e bem só, assim se fez vigorosamente, deslocado dos outros e dos chamados mais amplos. Como no quarto onde nada havia que não fosse de sua obra e espacear, seu falar e estar com os outros se dotou

do que se convencionou chamar de “despersonalização”, motivo, contudo, único e mais forte para poder ser. Deitado naquela cama desolada com umas botas de cano curto, camisa xadrez de mangas curtas dobradas, parecia um herói do faroeste de cinema, destinado a caminhar e criar outros mundos sem sair do quarto. Sua mulher não pudera nem falar com ele, desde que a mãe e irmãos, que a ignoraram desde sempre, procuraram obrigá-lo a enterrar o pai. E tanto faria, pois ela lhe era quase que inteiramente indiferente, tal como o casamento. Na sua solidão, Alberto só era fiel a si próprio. Sua apatia era verdadeira mas positiva, prova de suas várias mediocridades, mas testemunha de sua vivência.

Seu “tantofazismo” era a manifestação que outros poderiam adivinhar e reprovar; o que estava na superfície era a solidão.

Quando no episódio se mostrou que não tinha um único amigo com quem conversar, alguém que pudesse tirá-lo do cômodo, foi apenas a repetição de um estar só que tinha o dobro de sua idade. O se negar a acompanhar o enterro do pai não lhe deu prazer algum, era apenas parte de sua indiferença para com as relações das gentes, o que o salvava de algum outro naufrágio. Seu tantofazismo era apenas a manifestação que os outros poderiam adivinhar e reprovar, mas o que estava na superfície era a solidão, que permitia efetivamente sua vida e seus projetos que nunca se colocavam.

Mas aquilo que o levou a trabalhar com o pai foi de ordem bem diferente. O primeiro estava falido. Fazia obras para o governo municipal, e o dinheiro era sempre um excesso; enormes sobras financeiras e desejo de expansão o levaram a empreitadas particulares, e por aí começaram problemas outros. Num certo momento, não conseguia mais vender os apartamentos que construía e os pequenos problemas dos burgueses empreendedores o atingiram. Brasil de 1978, onde a classe média vivia no paraíso, mas não podia comprar seu imóvel. E os compromissos de Maurício se fizeram na escala de seus até então ganhos, arastando-o para dívidas incalculáveis. Se sabia empreender, contava sem-

pre com o futuro, pois os empreiteiros brasileiros aprenderam com Juscelino que era possível tirar vantagem de tudo do Estado. Mas alguns outros, sem margem de manobras políticas e institucionais amplas, logo sabiam que tal modelo não servia para as trocas privadas. O pai não encontrou intermediários para garantir preços e recomposições, diminuir os riscos, mesmo às custas de um alto percentual que tais mediadores recebiam dos que trabalhavam diretamente. O ilustre e popular presidente mineiro inventara um modelo de lucro em circuito fechado, do Estado para os particulares, que os

economistas e trapaceiros ainda não louvaram suficientemente. Ao tentar se expandir fora de tal circuito tranquilo, Maurício começou seu descenso financeiro. E foi neste momento que Alberto teve que voltar à cena familiar.

Foi-lhe imposta a tarefa de trabalhar com o pai, reorganizando a firma, pois nosso doutor era afeito à administração. Suas indiferenças, sua desatenção para com o mundo, um certo autismo necessário, levaram-no a se concentrar de tal modo no andamento da firma, que achou umas duas fórmulas comerciais para livrá-la, e depressinha, da falência. Rapidamente, as finanças se recompuseram, mas Maurício, o pai primeiro, teve que ir para outro lugar hierárquico na firma, quarto ou quinto, pois era um generoso gastador. Acostumado com o modelo kubitschekiano, não conseguia se adequar ao modelo recuperador que Alberto estabeleceu. Tirando um sem número de compromissos comerciais não honrados, protestos proliferando, em cartórios, que já não podiam ser protelados, Maurício continuava a gastar dinheiro e saídas gostosas como se nada houvesse. E coube a Alberto, mesmo sem desejo, dizer ao pai que ele receberia mesada fixa da firma, não podendo ultrapassá-la. Maurício retornava ao rígido estado de jovem protegido e Alberto alçava vôo como adulto empreendedor.

Isto durou pouco tempo, não interessam os porquês. Quando a firma se recuperou financeiramente, Alberto anunciou ao pai que poderia ficar ali, mas na condição de segundo. Assim foi, e Maurício retomou seu trabalho, sem as restrições financeiras. Menos de seis meses depois, Alberto encontra o pai enforcado no chuveiro da privada, sem um bilhete de explicações ou despedidas, sem alguma doença suspeitada ou um caso amoroso mais sério.

Tal período de estada na firma significou um rompimento aparente

com a solidão explícita, e a morte do pai vinha agora reanunciá-la intensamente. Alberto não podia ir ao enterro, pois precisava retomar intimamente sua solidão. Enterrar o pai era partilhar dos sentimentos de perda e da surpresa familiares, mas especialmente anunciar sua retomada como primeiro da firma. Romper com a solidão que o acolhia generosamente, e sem a qual não saberia mais viver. Ir ao cemitério seria estar com a família enquanto substituto legítimo do lugar do pai, o que, na sua intimidade, lhe era insuportável. Mudo e indiferente, estendido na cama, nada o faria mudar de idéia. Nunca pudera ser pai de sua filha, sentir-se, mesmo que brevemente, pai não biológico, menos ainda assumir patrimônio e condução da família. O ritual de enterrar o pai equivaleria a tomar seu lugar simbólico. "Algo" nele sabia disto, e respondeu não indo ao enterro.

2.

"Nele, enquanto criança, um se perde em silêncio e é sacudido. Ou um outro morre e é".¹

Divisão que se mostrava para quem pudesse escutá-la, a vida familiar de Maurício indicava uma faceta invisível. Enquanto nos negócios bem sucedidos, nas conquistas femininas conduzidas sem alarde mas com enorme prazer, o estar com os outros era constituído de afirmações, em casa vivia inteiramente só. Seus familiares o sabiam, os poucos amigos que frequentava suspeitavam, mas dizia-se que ele era recatado. Aos poucos que frequentavam suas duas esferas, dava a impressão de insatisfação no casamento, o que era apenas um dos efeitos de suas vivências. Adotou em casa o procedimento do silêncio severo, marido e pai zangado, avô distante, eis o que comunicava.

Quem o via no trabalho, nos encontros sociais necessários aos procedimentos que antecedem os

grandes contratos, os que podiam observar-lhe os cuidados na alimentação e nas roupas, nas falas sempre elegantes e econômicas, sua atenção com as duas secretárias mais próximas escolhidas cuidadosamente não suspeitaria de suas vivências caseiras. Ali aprendera a regra do silêncio e das normas bem executadas. Uma ausência excessiva, que só fazia aumentar quando contrastada com esta outra vivência intensa e prazerosa fora do lar. Nada deveria perturbá-lo em família, e assim foi por muito tempo.

Isto não impediu seu desapontamento com Alberto. Imaginara um filho potente, capaz de ser um engenheiro empreendedor, desenvolvendo seus negócios, companheiro para as conversas sensuais que o acalentavam, cúmplice silencioso do que não sabia expressar. Mandou-o para um exterior que sufocou o filho no terceiro mês do curso. Convidou-o para ajudá-lo na administração da firma e viu-o fazer um estágio noutra firma, financeiramente inexpressiva.

Quando se pôs a fazer os grandes blocos de apartamentos para a classe média financeiramente esgotada pelo desmilagre econômico avisado, jogou-se no empreendimento com a alegria de quem iria recuperar a própria vida, vitalidade dada num registro que jamais conhecera. Daí seus investimentos, fortes em todas as ordens. Nada havia para dar erro mas tudo saiu errado. Na ponta de lá, dos compradores de imóveis, não conseguiu os arranjos que permitiam financiamentos por quinze anos. Enormes áreas compradas, saneamento feito, água e luz instaladas, obras aceleradas, e os contatos comerciais falharam. Se tivesse outro alguém na firma, quem sabe. Mas, sozinho, o que fazer?

Pela primeira vez na sua vida, ao menos assim lembrava, desesperou-se. Sua revolta levou-o aonde não queria: contou os acontecimentos aos seus familiares. Entre o espanto

da mulher e a completa indiferença da filha, apenas Alberto se ofereceu. Não era bem isto que Maurício esperava, se bem que não soubesse exatamente o que desejava. Recebeu Alberto, e num curto espaço de tempo as coisas se modificaram completamente. Pois o filho viu o que o pai não podia enxergar: que também as obras podiam ser mediadas pelos mesmos comissionários ou seus conhecidos. O Brasil, ora, o Brasil sempre seria dos intermediários, desde que a firma se pusesse a produzir dentro das regras.

Ir ao cemitério seria estar com a família enquanto substituto legítimo do pai: o que lhe era insuportável.

Aquilo que o pai sempre fizera estava-lhe tão ao alcance que lhe escapou; o que ele imaginava novo e empreendedor só se efetuariaria com o auxílio dos mesmos mecanismos dos poderes do Estado brasileiro. E assim foi, com Alberto mandando o óbvio. Mas o filho exigiu-lhe contenção de gastos e pela primeira vez Maurício se tornou limitado também na sua atividade profissional. Menos pelo dinheiro, mas pela afirmação do estar só no fracasso do empreendimento, o pai se tornou tão amargo como jamais provara. Rapidamente, um bloco de apartamentos vendido

pelos intermediários de uma previdência, e logo tudo voltou a funcionar bem. Mas os seis meses que Maurício tivera que se conter ou durante os quais o contiveram, deram-lhe o sabor de dupla derrota e de uma solidão destrutiva, como jamais suspeitara. Uma espécie de ordem simplória, dada pelo administrador filho, assujeitado às regularidades do aprendizado acadêmico, deixaram aquele homem fora dos eixos.

A partir daí descobriu que continha em si solidão e misérias que disfarçava no lar, que suas escapanças não mais o proviam. Pouco importa que as finanças estivessem logo disponíveis, pois aqueles seis meses o trouxeram de volta a um tempo que reaparecia estilhaçando. Tempo sem retorno que afirmava fracassos e dificuldades. Era preciso voltar a ter sucesso pelo menos *num* lugar. E assim, no momento de sua recu-

É preciso
restabelecer a
prótese familiar: o
exibido aos outros é
a cola que permite
a união.

peração financeira, nada mais dignificante e salvador do que a morte. Ordenada pelo próprio, e não à procura de um câncer, um derrame cerebral ou outra linguagem corpórea que se explicitasse como im-

possibilidade ou dificuldade extrema. Morreria por cima, bem sucedido. Morte enquanto criação.

3.

"Por fim, já não têm necessidade de nós, os jovens que a morte ceifou. Com doçura se perdem os hábitos das coisas terrestres assim como é com ternura que o crescimento afasta o seio materno. Mas nós, que necessitamos de tão grandes mistérios, nós de quem surge, tantas vezes, por luto, um progresso poderíamos existir sem eles?"²

No telefonema ao psicanalista, a família faz o chamado *por* Alberto, que não quer ir ao enterro do pai, o qual suicidou de modo especial. Mas o que a família não *pode* aceitar é a declaração publicada de uma dispersão, o reconhecimento visibilizado de sua fratura irrevogável. Para aparecer restituída como algo orgânico, a família não tem como permitir a ausência de Alberto no enterro. Se Maurício morreu, será preciso demonstrá-lo para os outros, mas principalmente para si mesmos, afirmar a existência de um nexos causal e visível entre filho e pai, que é o que perfaz, neste curto momento, a família. Ela se introjeta e se recompõe como organismo, graças a tal morte inesperada. Mas tal ciclo só se perfaz se Alberto for ao enterro do pai.

Assim, a solidão de Alberto, manifestada por sua recusa de estar no velório e continuada na evitação do enterro, se expressa enquanto patologia para a família. É preciso fazer algo, grito eterno das classes médias que não suportam vazios. Se o filho vai ao enterro, reconhece seu pai, e a família reexiste. Não temos aqui nenhum melodrama, que supostamente caracterizaria as famílias dos grupos médios latinoamericanos, mas numa família de linhagem européia e norte-americana, onde os chororós são aberrações, e as questões se põem de frente, velozmente e com energia.

O desespero da mulher esposamãe é menos com a morte do marido do que com a quebra continuada do ritual, da recusa de inclusão familiar de Alberto. Sofre muito, mas é preciso estabelecer a prótese familiar, onde o que é exibido aos outros importa como a cola que permite a união. Os irmãos se mostram indiferentes ao assunto do enterro, é bastante "moderno" não ir ao cemitério. Os enterros se fazem hoje num tempo cronológico muito curto, como se houvesse um desejo de se livrar rapidamente deste corpo testemunha de alguma coisa que não se deve saber. Mas o que não suportam é ter que se identificar com este Alberto que, ao vivo e sem cores, se recusa explicitamente à identificação-identidade. Enfim, escapa, sem falar, e na verdade nem há bem o que lhe perguntar. Mas há que se fazer o que deve ser feito, mesmo que isto não se explique bem. O sepultamento enterra outras coisas, mas, para que sabê-las? Basta um esbarrão com o acontecimento e a satisfação de regras não rompidas. Assim caminham as classes médias contemporâneas: é preciso que Maurício morra completamente, e tal não morte é o que traz angústia.

A solidão não é cogitada, mas a esquisitice ainda é intolerável, a não aceitação das normas seculares, que já se rompem em todos os lugares. Aprendemos que um sujeito fica preservado em coma, mantido e visitado pela família, por três ou quatro meses num CTI de onde só sai cadáver. Mas que seu último estado é o que o torna insuportável, e deve ser tirado de frente dos olhos. Na CTI ele pertence ao mundo, dominado pelo aparelho médico, mas familiar. O enterro é o último capítulo, sem o qual a novela não existe.

Sem o enterro, o corpo continua clamando diálogo, explicações e diálogos que essa pós-modernidade não aprendeu. Se não quer ir ao enterro, trata-se de um problema patológico: Alberto

só pode estar em estado de choque, repassado pelos postes da *Light*, e é preciso um especialista para fazê-lo retornar à normalidade.

Normalizar é reincluir os isolamentos. O suicídio de Maurício já tem lugar materializado, dito “num momento inesperado” ou “impen-sado”, “por que?” ou algo similar. Desgraça dura mas suportável, se as outras peças de tal jogo, do qual as regras se desconhecem, puderem se desenrolar. Maurício desenterrado ainda é parte de uma articulação perigosa, pois clama por um diálogo com os mortos, que nenhum kardecista jamais aprendeu. Como se fosse vivo, cheirando à sensualidade de sua perseverança, aquilo que insiste na vida. Não quer e não pode se tornar símbolo, pois faltalhe a anuência do filho, que se faria pela visibilização no cemitério.

Alberto filho não entende ou não quer aceitar, apresenta a frieza de um Romário em campo, postura não dita nem deslindada, de onde pode surgir um lindo gol ou uma enorme bagunça desesperante. A morte tem que ter seu lugar determinado, qualquer que seja seu trágico destino. E a solidão não diz seu nome, nem sua localização. Ou Alberto se cura ou sua família se verá perturbada, sem significação comum. Ninguém neste núcleo pensa na solidão de Alberto, como jamais se imaginou Maurício sozinho, mas suas libertinagens, teimosia e dificuldades.

4.

Chamar o psicanalista é atribuir-lhe, reiterando, o lugar de agente da solidariedade da linguagem e da inscrição social. Quando se aceitam sua presença e os serviços, propõe-se um acordo não dito acerca da impossibilidade da solidão e mesmo do silêncio que o chamou. Ao analista cabem, por direito dissimétrico, a solidão e o silêncio determinantes, da retirada de

quem o procura desde sua própria solidão doentia. Assim o psicanalista visibiliza, socialmente autorizado, uma solidão presente no silêncio, e cujo objetivo é calar a solidão do outro, produzindo-lhe a inclusão social. Mas já sabemos que não há simetria entre solidão e silêncio.

Alberto demonstra sua solidão de modo espacial, na recusa de ir ao enterro. E a afirma para todos, escancaradamente, no silêncio inteiro e na ausência de seu ar. Para a expectativa social, Alberto

camente autônoma, o medo de substituí-lo, dificuldade de aceitar sua morte e quejandos. Agora, diante do acontecimento do suicídio do pai, ele deve considerar também a impossibilidade de se inscrever nos laços sociais, expressa por seu afastamento total.

Porém, tal história edípica se produz desde um maquinismo que precisa tempo para ser construído. Mas este caso, além de não dizer respeito às forças que constituem o saber do psicanalista, que não segue

O sepultamento enterra outras coisas, mas para que sabê-las? Basta um esbarrão com o acontecimento, e a satisfação de regras não-rompidas.

poderia se tornar autista ou um alheio psicopatológico, o que seria perdoável. Mas não pode manifestar seus sentimentos ou estar ausente espacialmente, pois a morte contemporânea ainda não é inteiramente natural, especialmente um suicídio. Para os humanos, a morte nunca é natural; mas nossa contemporaneidade inventou uma sobremorte naturalizada, que sustenta vidas inumanas em corpos-psiquismos humanos já extintos: e haja CTIs e UTIs...

O psicanalista que conhece tal história tem um instrumento pronto para pensar tais situações: o ódio ao pai, a impossibilidade do Alberto infantil de matá-lo simbolicamente, a fim de ter uma vida simboli-

este modelo estrutural edípico, mostra a limitação do modelo “papai-mamãe”. O psicanalista deve elaborar as forças e encontros, bem como apostar nos novos laços familiares, disjuntivos, onde predominam indiferenças e rancores, podendo mesmo declarar seu fracasso por relação ao pedido explícito de atendimento.

Mas em qualquer dos dois casos, ele teria que optar por uma comunhão. Com a família, convencendo Alberto de que deve ir ao enterro, cumprir suas últimas obrigações (quem é o morto, afinal?). Com Alberto, não aceitando o lugar de agente conjuntivo, anunciando que o tempo psicanalítico é mais longo, que um psicanalista não age sobre “efeitos”, que a solidão é antiga.

Mas o psicanalista convive o acontecimento, pois ele também é sozinho, conhece bem o que alimenta Alberto e ainda se manifesta na capela que guarda Maurício. Para ele não se tratará de tomar um partido, optando por uma dessas respostas. Este psicanalista é parte da massa social mas se sente também constituindo um grupelho dos que se isolam, não querem fazer contato. E tem assim uma evidente simpatia por Alberto, pois escuta nele aquilo que sempre o constitui, intensamente. Não se trata de propor uma comunidade, uma *Gemeinschaft*, uma criação em conjunto, mas de colocar os afetos e situações de ambos Alberto e família lado a lado, deixando-os se intensificarem. Duas solidões, uma que pode sentir a outra, e como tal ajudar a tirá-la de seu estranhamento. Não se trata, edipicamente, de matar o pai, mas de saber o que deste pai morto oprime o filho e o leva à solidão sofrida. Sofrida sim, pois logo que o cunhado propôs a vinda do analista, Alberto aceitou ser acompanhado. Diferentemente dos ontologistas otimistas, há sofrimentos inumanos que os humanos se esforçam por evitar, que quando insistem excessivamente, impedem as manifestações humanas.

E o que chamava a atenção e provocava o espanto na narrativa quase silente de Alberto, é que o pai se vestia como para seu eterno festejar de vencedor permanente, mostrando a todos que nada o derubaria. E que para tê-lo ao alcance, Alberto teve que rebentar a porta, onde o encontrou inalcançável. Posto numa altura inacessível, jamais poderia estar ou ser morto. Instalara-se num lugar inimaginável, chuveiro reto e sem água, anunciando um tempo distinto e um desencontro permanente. A morte do pai é criação, é disto que se trata.

Outra vez mais, o pai que sempre estivera por cima, colocava-se, pairando graciosamente, definitivamente, acima do que se poderia

imaginar próximo. O que doía mais em Alberto era a repetição da solidão, mas com dor desconfortável, que faz cessar a criatividade, solidão inconquistada, obrigada pelos relacionamentos dos outros e coroada pela disparidade da concretude do acontecimento. A distância não se media em palavras que remetessem a uma infância inexistente, mas se efetivava no reconhecimento deste pai sempre por cima, especialmente no seu morrer. Pai que, agora ele sabia, vivera também em solidão rigorosa, mesmo que diferente da sua.

Ao analista coube apenas dizer a Alberto que o pai continuava "por cima", sensivelmente falando, e que por isto estava-desestava com o filho, nesta profusão afetiva que a morte realça. A surpresa de Alberto ao escutar tal comentário é tão brutal quanto a ingenuidade da frase do psicanalista-testemunha, e mostra como tal constatação é inteiramente distinta das expectativas de uma interpretação profunda, que muito explicaria e nada modificaria.

Posta ao lado de afetos que Alberto já "sabe", testemunhado pelo psicanalista que escutou e suportou sua narrativa, Alberto concretiza, produz um outro acontecimento efetivo (*wirklich*, diria Freud). E seu espanto não lhe é mais exclusivo. Alguém testemunhou, desde seu próprio pedido, que o pai que está por cima esmaga seu filho, mesmo depois de morto. O que se poderia dizer foi apontado, no interior de um quadro psíquico paralisado por excesso de fixação. Sempre o mesmo a barrar os caminhos de Alberto, na sua expansão vivencial, que exige ritmos e andamentos próprios. Um pai que, mesmo depois de ter podido ter este filho ao lado, morre-lhe por cima, querendo conquistá-lo para sempre.

Deslindado o "por cima", Alberto pode ficar ao lado, e resolve ir ao cemitério. Não ir é aceitar a morte passivamente, é ser apenas afetado por ela, que vem de um

"dentro" que estreita o indivíduo. Ir é enfrentar, encontrar a morte, afetando-a.

A solidão não é uma doença, nem mesmo lhe é própria, mas uma conquista de muitos e poderia sê-la junto com outros. Distintamente da teoria do simbólico, deve-se pensar com Foucault: "Um fenômeno é um signo, um sintoma que encontra seu sentido numa força atual". Assim pode-se começar a indicar um papel positivo para a solidão, desde que se considere o regime das forças e de seus encontros, e não apenas as idéias como abstratos.

NOTAS

1. RILKE, Rainer Marie, *Elegias de Duíno*, Oitava Elegia. Trad. Carneiro Leão. Petrópolis. Vozes, 1989, p. 185.
2. RILKE, Rainer Marie, *Elegias de Duíno*, Primeira elegia. Trad. Carneiro Leão. Petrópolis. Vozes, 1989, p. 139.